

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

DIRECTOR

LISBOA

EDITOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Carlos Gomes — Cantores antigos e modernos — Elias de Lemos — Bemdita Aurora — Concertos — A orchestra philharmonica de Berlim — Th. S. Carlos — D. Guilhermina Suggia — Notas soltas — Noticiario — Bibliographia — Necrologia — Audições musicas.

Entre as variadas semsaborias que acompanham sempre as publicações d'esta ou de qualquer outra indole, temos, louvado Deus, alguma cousa que nos compensa largamente o lado menos brilhante do empreendimento. E vem a ser, além do generoso favôr com que o publico artista nos tem acolhido, a gentileza e bizarrria com que os mais notaveis criticos musicas do paiz nos vem auxiliar.

O advento de mais um collaborador illustre, o sr. capitão Manoel Ramos, uma das pennas mais brilhantes que honram a terra portugueza, é motivo bem largo para que nos felicitemos e felicitemos os nossos leitores.

Queira, pois, aceitar o notavel escriptor, que já quiz abrilhantar este numero com o fulgido brilho da sua prosa, a expressão do nosso sincero reconhecimento.

A DIRECÇÃO.



CARLOS GOMES

Faz hoje, 31 de março, exactamente vinte e um annos que no nosso theatro de S. Carlos se ouviu pela primeira vez o *Guarany*, a mais festejada opera do inspirado musico brasileiro Carlos Gomes.

Elle mesmo assistiu aos ultimos ensaios.

Estava eu então na orchestra e tenho ainda viva na memoria a impressão que em toda a gente fez aquella grande cabeça de semi-selvagem, com a sua espessa juba leonina e grosso bigode gaulez, tornando dura uma physionomia franca e jovial, illuminada por olhos que chispavam, queimada pelo fogo do sol tropical, onde a expressão da força e da generosidade se desenhava nitidamente.

Não tinha exigencias na execução da sua obra. Tudo o satisfazia, tudo lhe parecia optimo, como que superior ao que ella valia. Os seus cuidados concentrava-os todos na fi-

lhinha que trazia comsigo, para quem sorria carinhoso e que devorava com beijos a cada salva de palmas que resoava em sua honra.

Parecia que aquella innocente creança era a sua propria inspiração, e a ella agradecia todas as homenagens que para elle se dirigiam.

Por vezes tinha expansões de verdadeiro louco. Abraçava a filha com a ternura frenetica de um selvagem.

Era assim que manifestava o seu contentamento por ver apreciado o seu trabalho.

Verdade é que tinha motivos de sobra para estar satisfeito: o violento papel do indio Pery, desempenhava-o Tamagno, que tinha então menos celebridade e talvez mais potente voz do que teve depois; a suave Cecilia era Erminia Borghi-Mamo, artista de superior intelligencia. Dirigia a orchestra, uma valente orchestra quasi duplamente mais numerosa do que a actual e composta totalmente de artistas nacionaes, dirigia-a, digo, Rafael Kuon, vigoroso e habil chefe que superiormente sabia do seu mysterio.

Todos se esforçavam em ser agradaveis ao musico brasileiro. Nós, os portuguezes, consideravamos-o quasi como nosso compatriota e exultavamos com o seu triumpho; os italianos estimavam-no como um condiscipulo, creado na mesma escola. Todos trabalhavam com igual amor.

O *Guarany* teve um desempenho magistral. Carlos Gomes recebeu uma das mais soberbas ovações que decerto satisfizeram o seu orgulho de artista.

Estava então em pleno desenvolvimento de uma existencia brilhante, trasbordava de alegria.

Pobre Carlos Gomes!

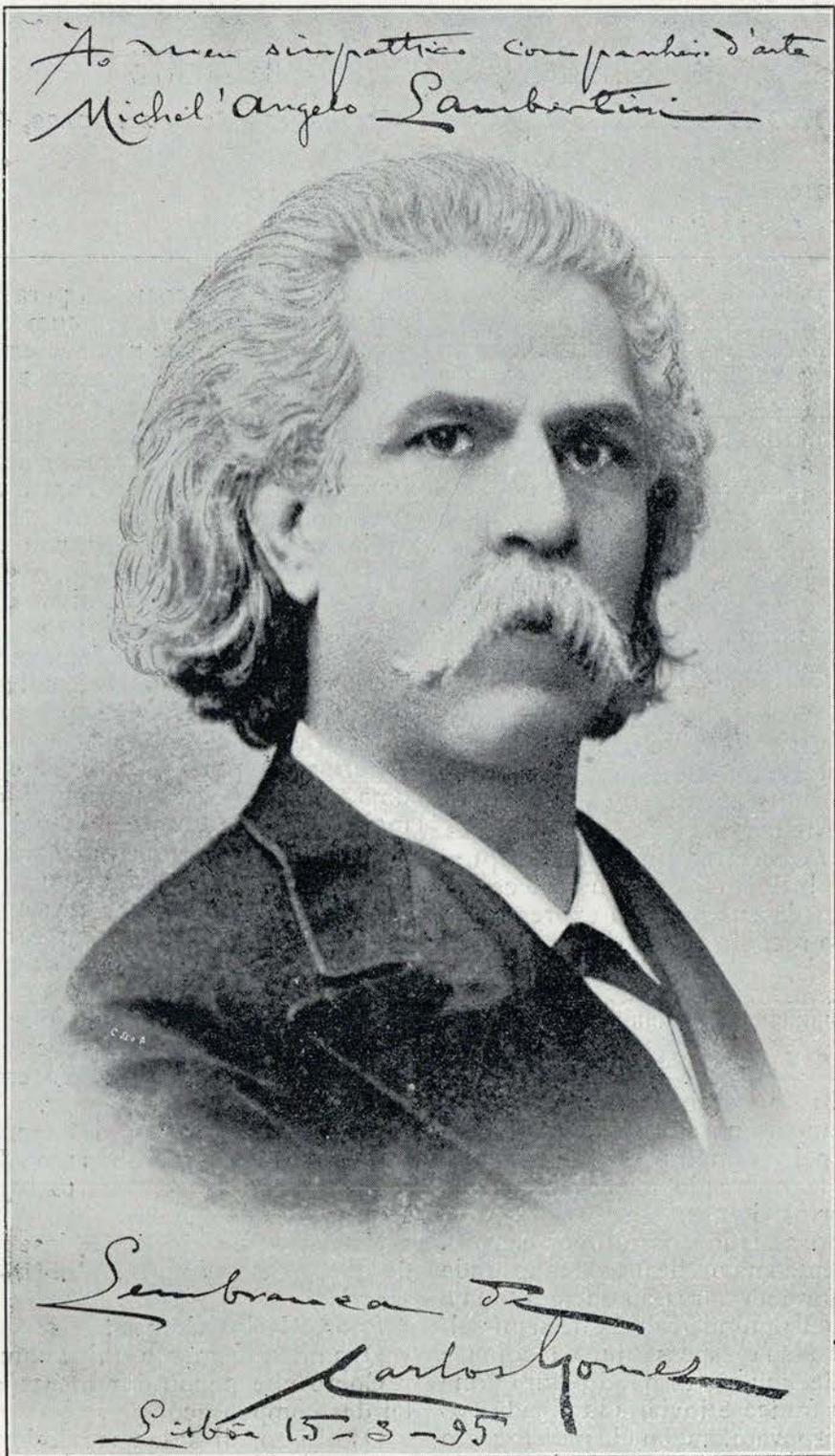
Quanto soffrimento quinze annos depois!

Como elle pagou duramente o tributo á lei das compensações!

Os ultimos dias da sua não longa vida foram terrivelmente angustiosos, e o descanço que a morte lhe concedeu em 16 de setembro de 1897 foi uma verdadeira obra de caridade que elle implorava dos amigos confrangidos que lhe cercavam o leito.

Sic transit...

E. VIEIRA.



CARLOS GOMES



Cantores antigos e modernos

(Continuação)

IV

Como já dissemos, Rossini, escrevendo operas n'uma tessitura demasiado elevada para a voz de tenor, contribuiu muito para a decadencia da arte de canto. Mas este grande mestre do canto e da melodia só procedeu assim depois da sua chegada a Paris, onde tinha ido estabelecer residencia com o fim de fazer cantar as suas operas.

Nas partituras do *Barbeiro*, *Othello*, e *Se-miramis* não ha esforços de voz para o tenor. No *Othello* não ha um *si* bemol agudo; apenas de longe em longe se encontra algum *lá*, sendo a voz conduzida até elle com verdadeira pericia de mestre. Para o tenor francez Adolpho Nourrit escreveu Rossini as partes de Néocles do *Cerco de Corintho*, cantado pela primeira vez na Opera em 9 d'outubro de 1826, assim como a parte de Arnolde do *Guilherme Tell*, cantado no mesmo theatro em 3 d'agosto de 1829. Mas a voz de Nourrit estava naquella epoca com todo o seu brilho; o artista tinha attingido o apogeu da gloria; com uma voz mixta, quasi tão forte como a de peito, dava facilmente o *dó* agudo e excedia-o mesmo com um esplendido falsete. No duetto de tenor e barytono, no 1.º acto do *Guilherme Tell*: *Arresta... Quali sguardi!* e na cabaletta da aria de tenor no 4.º acto: *O muto asil del pianto* lá apparece amiudadas vezes o *dó* natural agudo, sustentado no ultimo trecho com demasiada insistencia. Rossini contou portanto com as excepçoes qualidades da voz de Nourrit e escreveu a parte de Arnolde n'uma tessitura tão elevada que, a não ser o tenor Duprez, successor de Nourrit, raros poderam arcar com taes esforços de voz. Com afouteza pode dizer se que a parte de Arnolde foi o minotauro de muitos tenores: ou os matava ou lhes estragava a voz. Augusto Laget, no seu livro *Le chant et les chanteurs* allude aos tenores Latapie, Delahaye e Ferrand; o primeiro morreu em Nice, em 1831 ou 32, victima dos esforços que fez para emittir as notas agudas; ao segundo matou-o uma aneurisma d'uma arteria thoracica; morte igual teve o tenor Ferrand, em Gand. Renard, discipulo e pensionista do Conservatorio de Paris, morreu por querer imitar o tenor Duprez.

Um tão bom mestre como Rossini não podia deixar de ter imitadores. Bellini fez cantar os *Puritanos* na Opera de Paris em

25 de janeiro de 1835. A parte de Arthur foi escripta para o tenor Rubini, uma verdadeira maravilha da época. No dizer de Fé-tis, o maestro Bellini e o tenor Rubini parecia terem nascido um para o outro e, para sua mutua gloria, não poderem separar-se. O encanto da voz de Rubini, um estylo que lhe era proprio, porque não lhe fôra transmittido por qualquer escola, uma rara elegancia de vocalisação e ornatos de apurado gosto eram predicados que lhe fizeram adquirir a reputação de *rei dos tenores*. A parte de tenor da partitura dos *Puritanos* está escripta n'uma tessitura tão elevada que surprehende pela ousadia: no *quartetto* do 1.º acto o tenor sobe até ao *dó* sustentado; no *allegro moderato* do duetto do 3.º acto, com Elvira, o tenor vae até ao *ré* agudo; mas no *largo maestoso* do final em *ré* bemol maior, o tenor sóbe até ao *fá* agudissimo, o que attinge as raias do inverosimil.

Em 21 de Fevereiro de 1836 foram cantados os *Huguenottes* na Opera de Paris. Meyerbeer escreveu a parte de tenor para Nourrit. Se o Arnolde do *Guilherme Tell* foi o minotauro dos tenores de duas ou tres gerações, nos *Huguenottes* tambem os tenores teem o seu Saint-Barthélemy; septimino do 3.º acto e duetto do 4.º são dois trechos que, para serem cantados conforme foram escriptos, exigem do artista esforços de voz que não lhe deixam a larynge em muito bom estado.

Donizetti seguiu os mesmos processos na *Favorita*, escripta para a Academia real de musica (*Opera*) de Paris, e ali cantada pela primeira vez em 2 de dezembro de 1840, tendo o tenor Duprez como interprete da parte de Fernando. Na romanza do 1.º acto, *Una vergine*, lá se encontra um *dó* sustentado agudo.

Em Italia os tenores não teem sido mais felizes do que em França. As operas de Verdi em nada beneficiaram as vozes; pelo contrario, o venerado maestro não se contentou com escrever numa tessitura elevada para os tenores: creou o barytono agudo, chamado barytono de Verdi e nas outras vozes excedeu os registos naturaes. Se percorrermos as paginas das partituras escriptas por Verdi e outros compositores italianos durante a ultima metade do seculo XIX, encontraremos provas em demasia do que acabamos de dizer.

Obter notas agudas, brilhantes, com volume de som, para poderem arcar com a sonoridade das orchestras e vencer a elevada tessitura em que as partituras se acham escriptas tem sido e é o pensamento predominante dos cantores, a datar do meado

do seculo passado. Para conseguir um tal *desideratum* até o maestro italiano Massini inventou o methodo da respiração diaphragmatica.

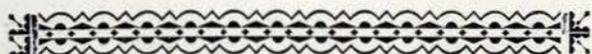
Não queremos reproduzir aqui as extravagancias a que aquelle methodo deu lugar, principalmente em algumas escolas de canto fundadas em Paris. A este respeito pode ser consultada a obra de Oscar Comettant, *Musique et musiciens*, em que o auctor narra com muita graça as excêntricidades dos differentes systemas de canto então em voga. O que podemos affirmar é que, se pelo methodo da respiração diaphragmatica a voz ganhava alguma cousa em egualdade e nitidez dos sons, estas vantagens eram obtidas á custa da sua maleabilidade, do aveludado, da agilidade e da afinação. Os antigos cantores, os verdadeiros artistas lyricos, as grandes celebridades dos seculos dezesete e dezoito contentaram-se com o methodo da respiração thoracica. Com exercicios lentos mas bem graduados de respiração conseguiram alguns obter a *messa di voce* perfeita, a que n'um dos artigos anteriores nos referimos. O methodo da respiração diaphragmatica teve uma tal ou qual voga porque o seu inventor se vangloriava de que o celebre Rubini tinha sido seu discipulo e respirava segundo aquelle methodo. Alem d'isso os discipulos de canto adoptaram-no de boa vontade desde que viram n'elle um meio de obter notas agudas brilhantes, podendo com ellas atordoar a moderna geração de frequentadores de theatros lyricos. E nós sabemos como a pessima orientação de muitos dos que actualmente se pavoneiam com o titulo de *dilettanti* avalia os cantores. O saber cantar não é hoje motivo para applaudir um artista; uma voz bem timbrada bem, educada, afinada, tem valor, mas não causa entusiasmo. O que é preciso, o que aquece uma plateia, é ouvir um tenor a gritar umas notas agudas brilhantes e a sustentar um *si* natural agudo e se fôr um *dó* do peito ainda melhor. Mas é preciso grital-o e attacal-o de chofre, sem arte, de contrario não produz effeito. É nessas notas que o auditorio espera o artista com uma anciedade febril e mal d'elle se tem a infelicidade de as escrocar; é um homem morto! E é esta a educação musical de uma grande parte dos individuos que vão para o theatro lyrico, como severos juizes, julgar dos meritos artisticos d'um cantor!

Na época lyrica de 1889 a 900 estiveram em S. Carlos dois artistas que nos deixaram magnificas e inolvidaveis recordações; foram a soprano ligeiro Regina Pacini e o tenor Alessandro Bonci. Aquella é uma inexcedivel *virtuose* nos passos de agilidade; tem uma notavel facilidade de respiração; ataca

as notas agudas com uma surprehendente e rigorosa afinação. A «Arte Musical» de 15 de janeiro de 1900, referindo-se á laureada artista, disse que ella «como fiadas de inestimaveis perolas, solta notas cariciosas e argentinas, que são o enlevo de quem a ouve e o nosso orgulho como patricios». O tenor Bonci tem uma voz de timbre sympathico, bem educada, embora sem o volume preciso para operas modernas de instrumentação pesada; canta correctamente; sabe filar as notas, o que lhe permite dar ás melodias uma encantadora expressão; é justo na afinação e no duetto dos *Puritanos* subia com facilidade até ao *ré* bemol agudo. Pois a estes artistas, apesar dos applausos com que os frequentadores de S. Carlos os distinguiram em algumas noites, não foi feito todo o acolhimento a que tinham direito, como *raridades* neste periodo de decadencia que atravessamos. Parece que havia receio de os applaudir e que os verdadeiros entendedores, os que pertencem á escola antiga, os que ouviram e com saudades se recordam ainda dos cantores d'épocas lyricas remotas, os que realmente sabem apreciar um artista de canto, tinham receio de ser confundidos com os claquistas, com esses *Cavalleiros do Lustre* ou *Romanos*, como os francezes lhes chamam, e que usufruem um lugar *gratis* a troco da obrigação de applaudir todas as nullidades que ás vezes são escripturadas. Até n'isso a corporação dos *Romanos* prejudica os raros artistas de valor que ainda apparecem! E dizemos que até n'isso os prejudica, porque, á força de querer ser agradavel com os seus assalariados applausos vae tambem até pedir a repetição de trechos, que muitas vezes são um verdadeiro *tour de force* para o artista, contribuindo assim para lhe diminuir a duração da voz, que na elevada tessitura das operas modernas tem já um elemento de destruição. Haja vista o calculo feito em Italia com relação á duração media actual das vozes dos cantores, pelo qual se chegou á conclusão de que: um tenor só durante seis annos conserva a frescura do timbre da voz; os sopranos, oito; os barytonos um pouco mais; os baixos, como ainda lhes não chegou a vez de abusar das notas agudas, podem conservar a voz durante quasi toda a vida. Por isso os tenores e sopranos se pagam tambem por um elevado preço. Tudo vantagens do brilhantismo orchestral moderno!

Para bem da arte e dos cantores é de necessidade seguir o conselho do saudoso Verdi: *voltae ao antigo e será um progresso.*

(Continúa)



ELIAS DE LEMOS

Sem desmerecer, antes, muito em contrario, reconhecendo a alta valia do serviço prestado pelo sr. Ernesto Vieira com a publicação do seu já succulento *Diccionario biographico de musicos portuguezes*, seja-me todavia licito observar, sem o menor resabro de censura, que elle está longe de representar o inventario completo da musicographia nacional. São innumerous os nomes a intercalar lhe e só com a cooperação de infatigaveis obreiros é que o edificio chegará a tomar as proporções e as formas mais approximadas da sua natural grandeza. Pela minha parte procurarei contribuir para a realisação d'esta obra e sem jactancia, com a consciencia apenas d'um modesto dever cumprido, direi que consegui colligir centenaes de documentos inéditos, coordenados desde já e dispostos por ordem alphabetica segundo o nome dos individuos a quem dizem respeito.

Intitulei este meu trabalho *Subsidios para a historia da musica em Portugal* e cabe-lhe bem esta designação, porque tenho a consciencia de que só forneço algumas achegas, sendo assaz importante a quantidade de materiaes que ainda se podem colher em mais largas e profundas investigações.

Nem todos os documentos que colhi na minha exploração archivista teem importancia elevada; em grande parte parecem talvez insignificantes, mas todos elles formam um conjuncto, que não direi surpreendente, mas digno de nota e consideração. Por elles se ficará sabendo quanto a musica foi entre nós, em todas as epochas, intensiva e extensivamente cultivada. Seria para estimar que ao lado dos registos documentaes se produzissem monumentos de outra ordem, mas é possível que os primeiros possam servir em alguns casos de fio conductor para busca e descobrimento dos segundos. Alguns archivos musicaes de corporações religiosas como o da Sé de Coimbra talvez possuam elementos que convirá explorar. Na Sé de Lisboa, apesar dos quasi irreparaveis destroços causados pelos terremotos e consecutivos incendios, não perdeu baldadamente o seu tempo o sr. Ernesto Vieira.

Para amostra extrahirei hoje do meu trabalho uma pagina relativa a Elias de Lemos, que floresceu em Lisboa no 3.º quartel do seculo XVI.

Em 12 de agosto de 1577 lhe passou D. Sebastião alvará de privilegio para que ne-

nhum organista ou outra qualquer pessoa podesse fazer nem vender, nem tão pouco mandar vir de fóra dos seus senhorios instrumentos e orgãos, salvo os organistas e pessoas que para isso tivessem seu poder e licença. Este privilegio era valido por dez annos e quem o infringisse pagaria cincoenta cruzados, metade para os captivos e a outra metade para o accusador.

O alvará alludido não fornece nenhuma indicação, por onde se possa aclarar mais a biographia d'este organista, ou antes *organeiro*, termo que julgo mais appropriado aos constructores de orgãos, applicando de preferencia o primeiro aos que os tocam, aos *tangedores*, como se dizia antigamente. Tambem não encontrei mais nenhuma referencia nos documentos que lhe diga respeito. Approximadamente por aquella epocha, viveu um homem, do mesmo nome, que eu não ousou identificar até que appareça outra prova mais convincente que a da homonymia.

Esse homem era o dr. Elias de Lemos, clerigo de missa, que em 1564 deu á estampa, nas officinas de João de Barreira, o *Livro da vida admiravel da bemaventurada Catharina de Genoa*, traduzido do italiano. A obra, traduzida e impressa em dous mezes, dá uma ideia clara da facilidade com que o traductor a verteu e da presteza do typographo, pois que não é um opusculosinho, mas um volume em 8.º de perto de 400 paginas.

No archivo do Santo Officio, n'um dos livros das *Denunciações*, deparou-se-me um documento, que presta algumas notas elucidativas para a vida e para o character do dr. Elias de Lemos.

Em 1 de junho de 1556 comparecia elle na casa do despacho da Santa Inquisição a denunciar seus parentes, Antonio Ferreira, alfayate, casado com Maria Jacome, com a qual o denunciante tivera, havia quatro mezes, uma pratica, em que lhe ouvira cousas de lesa-orthodoxia. Esta pratica realisou-se na villa da Batalha, onde aquelles conjuges residiam, e d'onde elle era tambem natural.

Ao lêr os motivos que levaram Elias de Lemos a ir depôr perante o inquisidor fr. Jeronymo de Azambuja, ninguem deixará de sorrir da insignificancia dos factos incriminados, mas n'aquelle tempo as cousas assomavam outra feição, e o que nos parece hoje futil e ridiculo era elemento de sobra para as torturas do potro e até para as chammadas dos autos de fé. Elias de Lemos não se limitou, porém, a accusar aquelles seus parentes, mas envolveu tambem sua mãe Justa Lopes, christã-nova. E' possível que Elias

de Lemos procedesse d'esta maneira por excessivo escrupulo de consciencia timorata, mas por mais que se procure explicar e atenuar o facto, elle não deixa de nos evidenciar a vileza de seu character.

Elias de Lemos pertencia, pois, a uma familia de christãos-novos; corria-lhe nas veias sangue judeu: o proprio nome estava indicando a procedencia de raça. Ao tempo que fez a denuncia disse ter 20 a 23 annos, tendo, por conseguinte, nascido entre 1530 e 1533.

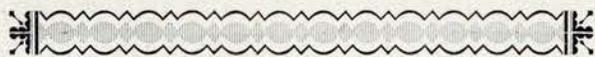
Innocencio não registou no seu *Diccionario Bibliographico* o nome de Elias de Lemos, embora Barbosa Machado o houvesse inscripto na sua *Bibliotheca Lusitana*. Esta omissão, porém, explica-se facilmente. Barbosa não chegou a vêr o *Livro da vida da bemaventurada Santa Catharina* e dá-o como manuscrito. Innocencio, que não se fazia cargo senão das obras impressas, passou-o por conseguinte em claro.

Da obra de Elias de Lemos só se conhece o exemplar que existia na livraria do Marquez de Castello-Melhor, que foi arrematado pelo architecto J. M. Nepomuceno, ignorando eu para quem passaria por morte d'este.

Julgo desnecessario reproduzir aqui os documentos em que me baseio, porque occupariam muito espaço, sendo o auto da denunciação bastante extenso.

9-3-901.

SOUSA VITERBO.



BEMDITA AURORA!...

(Guilhermina Suggia)

Sagrou-te Deus, minha gentil artista!
Joven, já tens n'essa cabeça loura,
A viva luz — que só aos astros doura,
E em que se enleva extasiada a vista!...

D'essas mãosinhas — que são mãos de fada,
Pendem suspensas, ao escutar-te, as almas!
Vibra no espaço o estrondear das palmas,
E mal despontas na afanosa estrada!

Que serás ainda, oh ideal creança?
Filha dilecta a quem a gloria ungiu?
Não sei; só sei que o coração sentiu
Nascer de novo o Entusiasmo e a Esp'rança...

28 março 1901

AFFONSO VARGAS.

CONCERTOS

A 10 d'este mez deu o professor portuense F. Roncagli uma audição de alumnos, cujo programma não podemos publicar por falta de espaço.

*

Na noite de 15 organisou-se um grande Concerto no theatro do Principe Real, do Porto, em favôr da familia do mallogrado Miguel Angelo.

Tomou parte uma orchestra dirigida por Moreira de Sá e como solistas os principaes artistas da capital do norte.

*

Em 5.^a *matinée* foi no dia 17 cantada em S. Carlos a *Resurreição de Lazaro*, de Perosi, a que já em tempo nos referimos, quando pela primeira vez a ouvimos pela «Sociedade artistica de canto» no salão do Conservatorio. Esta ultima audição não produziu em nós a favoravel impressão da primeira, quer pelas condições de local, quer porque os coristas de S. Carlos não teem a frescura de voz requerida, quer mesmo pela má escolha que o maestro Goula fez dos artistas que deviam cantar as primeiras partes, em que as melodias, já de si bastante monotonas, exigem pelo menos um estylo de canto especial e umas vozes sem oscillações e com entoação firme. A propria orchestra, talvez pela sua má disposição, nem ao menos salientou bem o prelude dos violinos á phrase *Lazare, veni foras*.

A oratoria de Perosi e a missa de *Requiem* de Verdi, foram cantadas na noite de 19 do corrente, terminando assim a serie de 6 concertos organisados este anno pela empresa de S. Carlos.

*

Revestido de extraordinario brilho, o concerto realiado no Salão da Trindade a 19 de março, e promovido pela Real Academia de Amadores de Musica em homenagem á memoria de Verdi.

Brilhante, insistimos, foi esse concerto pelos nomes dos artistas de S. Carlos que n'elle tomaram parte, entre os quaes se notavam as sr.^{as} Bellincioni e Mantelli, brilhante pela concorrência enorme e ainda pelo exito obtido.

N'um só ponto deixou, quanto a nós, a desejar, e esse foi o de visto o concerto ser consagrado á memoria do genial operista do

Rigoletto e do *Falstaff*, não ser o programma exclusivamente composto de produções de Verdi. Assim, seria completa a commemoração.

A's sr.^{as} Bellincioni e Mantelli coube, como era de esperar, forte quinhão de palmas; á primeira, pelo talento fascinador, demonstrado na *Ninon* e *Vecchio Stornello*, de Tosti; *Envio de fleurs*, de Gounod; e uma peça hespanhola, dita com uma graciosidade que arrancou phreneticos bravos ao numeroso auditorio; — á segunda, pela inexcidível correcção d'arte que distinguuiu a execução das melodias, *Pur dicesti, bocca bella*, de Lotti, e *Aime-moi*, de Bomberg, trecho que foi repetido.

Além d'estas cantoras, fizeram-se ouvir com applauso, o sr. Garbin na aria da *Tosca*, na da *Manon Lescaut*, n'uma romanza da *Zaza* e no *Sonho da Manon*, de Massenet; o sr. De Luca, no *Caro mio ben*, de Giordani e *Canção d'amor*, de Rubinstein; o sr. Torres de Luna, na aria do *D. Carlos* e na da *Hebréa*; e o sr. Biel, na aria da *Luiça Miller* e no *Adios a Granada*, canção de Alvarez.

Tambem devia cantar o barytono Stracciari que não compareceu por lh'o não permittir o estado de saude.

A orchestra abriu as tres partes do programma tocando as *ouvertures* de *Giovanna d'Arco* e *Nabuco*, de Verdi, e a *Jeunesse d'Hercule*, de Saint-Saens. Da execução d'estas peças, a que o publico não regateou mercedas provas de approvação, cumpre, porém, destacar a que coube á *ouverture* da *Giovanna d'Arco* que, dirigida muito distintamente pelo maestro Goni, alcançou uma perfeição digna dos mais sinceros elogios. Porque esta peça era de Verdi e teve um desempenho de primeira ordem, a orchestra da Real Academia prestou assim á memoria de Verdi preto condigno d'ella.

*

O estimado e talentoso pianista portuense Xisto Lopes deu tambem um bello concerto em seu beneficio na noute de 22 d'este mez.

*

Deixou muito boas impressões no distincto e numeroso auditorio que a elle assistiu, o 4.^o concerto da Sociedade Artistica de Concertos de Canto, effectuado a 24 de março no salão do Conservatorio.

O concerto abriu com a execução coral do final do *Messias*, de Haendel, e a da *Lacrimosa* do *Requiem* de Mozart, duas composições ambas classicas, ambas de pronunciado character sacro, e que denunciam claramente a feição caracteristica do genio

do olympico Mozart e do magestoso Haendel.

No desempenho d'estes soberbos trechos teve a primazia o final da oratoria de Haendel. Aqui os córos mostraram-se firmes, nitidos, afinados; com o numero d'executantes de que o sr. Sarti dispunha muito difficilmente se poderia alcançar melhor resultado.

Depois da *Calandrina*, de Jomelli em que se fez applaudir uma nova amadora de voz agradável, a sr.^a D. Henriqueta Ivens, fizeram-se ouvir orchestra e córos na *Nuit persane* de Saint-Saens, terminando a primeira parte do programma com o *Noel des Marins*, de Chaminade. Acostumados ha muito tempo a ouvir sómente d'esta compositora trechos escriptos para piano, mal pensavamos que o *Noel des Marins* fosse o que realmente nos pareceu: um trecho de muito boa contextura, para córos, orchestra e solo, sem complexidades, mas tambem sem ser destituído d'interesse e todo elle de bem cuidado relevo e d'um delicioso contorno melodico. A execução d'esta peça foi de primeira ordem, contribuindo muito para esse bom resultado a excellente voz da distincta amadora, encarregada da parte a solo, a sr.^a D. Magdalena da Silva de Cysneiros Ferreira.

A *great attraction* do concerto era a composição de Grieg, *Olaf-Trigvason*, de que se formava toda a segunda parte do programma. Scenas lyricas a grande orchestra, córos e solos, eis tudo quanto o programma indicava d'esta obra. N'uma composição que offerece a fórma de poema lyrico e em que, portanto, a musica assenta n'um determinado texto litterario, para se poder avaliar o trabalho do musico que a escreveu é mister conhecer o argumento, que na rapidez da execução, e, sobretudo, d'uma execução concertante, é impossivel perceber sufficientemente.

D'outro modo, quem escuta vê-se forçado a considerar essa peça como de musica pura, o que é sempre prejudicial em trecho que assim não foi concebido.

Foi sob este ponto de vista que apreciámos a composição de Grieg, e talvez por isso a opinião nossa lhe seja desfavoravel. Quando, porém, devido a qualidades d'apropriação musical, das quaes só o argumento nos daria occasião de avaliar, o nosso juizo sobre esta peça se modificasse, com o que difficilmente concordariamos era com a sua escolha, por causa das dimensões do Salão do Conservatorio e do que apresenta de excessivamente ruidoso a execução d'este poema lyrico.

Na personagem da prophetisa *La Vala*

tivemos o prazer d'ouvir uma nova amadora, a sr.^a D. Gabriel Marcial Jardim, cujas boas qualidades vocaes nos pareceram ao serviço d'uma amadora intelligente e de temperamento artistico.

As outras personagens estavam confiadas á sr.^a D. Eugenia dos Santos Loureiro e ao sr. Thomaz de Lima, que n'ellas tambem se houberam satisfatoriamente.

O concerto decorreu no meio de quentes applausos, grande parte dos quaes coube ao maestro, sr. Alberto Sarti, que d'ella se mostrou merecedor.

*

Uma inesperada festa em casa de Rey Colaço naoute de 24.

Tinham chegado havia poucas horas os artistas portuenses e já as portas do hospitaleiro pianista se lhes abriam de par em par, improvisando-se um delicioso concerto, que foi um verdadeiro encanto para os que tiveram a fortuna de assistir a elle.

Iniciou a audição o eminente violinista Moreira de Sá, que conjunctamente com o amavel dono da casa, nos fez ouvir aquella divina pagina do mais divino dos musicos, que se chama *Sonata a Kreutzer*; se, por falta do indispensavel preparo, não poude a execução d'esta grandiosa obra attingir as culminancias tão familiares aos dois notaveis concertistas, poude todavia patentear as qualidades peculiares de cada um d'elles e apesar do seu differente modo de sentir, os invejaveis recursos com que um e outro podem contar.

A seguir, uma encantadora surpresa. Uma gentil creaturinha para quem o violoncello já não tem segredos e que teve a genial lembrança de vir acender no nosso scepticismo um tudo nada desdenhoso, a scentilha dos grandes enthusiasmos, essa faúlha sublime que a mór parte das vezes nos não consegue atravessar a callosa epiderme.

A violoncellista a que nos queremos referir é, como podem suppôr, D. Guilhermina Suggia e d'esta artista já hoje notavel, nos occuparemos em artigo especial.

Tocou o *Concerto* de Saint-Saens, cedendo o lugar apoz uma chuva de applausos a sua irmã, D. Virginia, que na *Polonaise* de Godard e *Berceuse* de Chopin, mostrou como pianista os mais esperançosos recursos. Tem brio, tem alma, maneja as sonoridades do seu instrumento com desusado tacto, e tem a intelligencia e intuição precisas para não deixar perder um unico dos detalhes do seu discurso musical, sem o apontar á attenção dos que a ouvem.

Uma espirituosa poesia, que Madame Weinstein disse com a sua graça habitual,

veiu em seguida dar um necessario repouso ás lides musicaes. Foi enthusiasmicamente applaudida como sempre.

Seguiu se uma *Suite* de Scarlatti, que Mademoiselle Alzina, a gentilissima discipula de Colaço, detalhou primorosamente, mostrando que na difficil interpretação dos velhos mestres tem posto os mais amorosos cuidados e uma parcella d'esse fulgido talento que tanto nos encanta.

Fez-se ainda ouvir e applaudir phreneticamente em varios trechos de Popper, a joven violoncellista a que já alludimos.

Outra discipula de Colaço, D. Judith Fernandes cujos notabilissimos dotes artisticos temos por vezes apreciado, mimoseou o auditorio com duas preciosidades, o *Rappel des oiseaux* de Rameau e o *Andantino* da sonata de Schumann, em que soube pôr o melhor ouro da sua rara organização de artista.

E fechou esta bella festa o grande violinista portuense com a *Chacone* de Bach, a solo solo, cuja execução nos disseram ter sido boa, mas a que já nos não foi possivel assistir.

*

Em *matinée* tivemos no dia 25 do corrente o prazer de ouvir no salão do Conservatorio o *Quartetto Moreira de Sá*, em que, além do distincto e já muito nosso conhecido violinista portuense, fundador do *Quartetto*, tomaram parte os srs. Henrique Carneiro, 2.^o violino, Benjamin Gouveia, violeta, e a sr.^a D. Guilhermina Suggia, violoncello.

É inutil encarecer a tenacidade com que o nosso amigo Bernardo Moreira de Sá tem conseguido dar um largo impulso á educação musical dos que no Porto se associaram para formar o *Orpheon portuense*.

As repetidas e successivas audições de musica de camara e symphonica, dirigidas pelo incansavel violinista, tem posto os portuenses a par de todo o movimento musical moderno. E os quartettistas a que agora nos referimos são uma prova do quanto pode a boa vontade e um aturado trabalho de annos, porque só d'estes dois factores pode resultar o bello conjuncto com que nos surprehenderam.

Na *matinée* de 25 foram tocados o quartetto de BEETHOVEN, em dó maior (9.^o); o quartetto de SCHUBERT, em ré menor, e o quartetto de GRIEG, em sol menor.

A par do nosso incondicional applauso, porque avaliamos bem os herculeos esforços empregados para que os distinctos quartettistas attingissem um tão bello resultado, não comprehendemos o motivo que leva o illustrado ensaiador do *Quartetto* a precipi-

tar os andamentos, no que são muitas vezes sacrificados tanto o rythmo como a clareza d'alguns passos d'agilidade, fazendo, pela difficuldade d'execução, vacillar n'alguns pontos a unidade e apparecer umas quantas incorrecções d'afinação. Se no estylo dos compositores modernos o rythmo é ás vezes um enyigma, o revolucionario *Beethoven* respeitou-o sempre. Alteração de movimentos e de rythmo, em *Beethoven*, são dois problemas que nos teem dado que pensar, na convicção em que estamos de que o distincto e estudioso professor terá um motivo particular para assim proceder na execução de quasi todos os tempos dos quartettos que lhe ouvimos.

Bach e Haendel não fizeram indicação de movimentos nas suas partituras. Haydn e Mozart adoptaram os termos italianos para darem uma indicação approximada d'esses movimentos. *Beethoven* procedeu a esse respeito com mais precisão e minucia e acolheu com sympathia a invenção de Mälzel, porque o metronomo lhe fornecia indicações precisas. Czerny e Moscheles encarregaram-se de fazer essas indicações por meio do metronomo em muitas das obras de *Beethoven*. Não nos parece portanto que seja permittida a alteração de movimentos, a não ser por uma razão que desconhecemos.

Repetimos. O nosso incondicional applauso aos distinctos quartettistas, que principalmente nos surprehenderam pelo vigor de colorido na execução de todas as musicas, o que representa um aturado estudo. D'entre os executantes, por igual dignos de elogio, em especial nos referimos em outro lugar á sr.^a D. Guilhermina Suggia.

*

O acontecimento mais sensacional da presente quinzena foi sem duvida alguma o *recital* de Violoncello que a eximia artista portuense D. Guilhermina Suggia dedicou á imprensa jornalística de Lisboa e que realisonou a 26 d'este mez no salão do proprietario d'este jornal.

Foi uma memoravel *Séance*, com que Michel'angelo Lambertini iniciou a serie das *Audições musicas* que tenciona offerecer aos seus amigos e clientes e que deixou por certo em cada um dos assistentes que enchem a vasta sala, uma impressão difficil de apagar.

O programma constava do *Concerto* de Saint-Saens d'uma deliciosa *Suite* de Popper, d'uma *Romance* do mesmo auctor e da *Source* de Davidoff.

D. Guilhermina, que dispõe de uma admiravel technica, de uma afinação meticolosa e de uma bella e potente sonoridade,

tem para nós uma inestimavel qualidade que sobrepuja a todas as outras; sente tão sinceramente o que faz e diz o que sente com uma tal propriedade e com uma tal nobreza que nos enleva e arrasta ás regiões divinas onde o seu bello espirito por vezes paira a ali nos deixa a soluçar com cada gemido do seu suggestivo instrumento ou a sorrir com cada uma das suas gracios volutas,

Compreende-se assim o entusiasmo sincero dos que a ouviram e comprehende-se que ao escutar algumas d'aquellas paginas tão profundamente sentidas e nomeadamente a *Fleur d'automne*, cuja repetição lhe foi vivamente pedida, algumas lagrimas cahissem de commovidos olhos.

Todos os generos attingiu a inspirada *virtuose* n'esta notavel audição e em todos elles se mostrou D. Guilhermina, mais que uma risonha esperanza, uma artista a que só falta o convivio de alguns annos n'um meio mais adequado ao desenvolvimento das suas portentosas faculdades.

Por gentileza muito para agradecer, prestou-se tambem D. Virginia Suggia a abrihantar esta audição com uma elevada execução de *Caprice espagnol* de Moskowski, em que os seus meritos de solista se evidenciaram brilhantemente. depois de ter accentuado os valiosos recursos de distincta acompanhadora, em todas as obras que sua irmã executou.

Entre a selecta assistencia que teve occasião de applaudir as notaveis artistas portuenses, estava representada quasi toda a imprensa diaria, a quem agradecemos penhoradamente a gentileza das referencias que se dignaram fazer-nos.

*

O nosso amigo e illustre professor Alberto Sarti e sua talentosa esposa fazem hoje no Conservatorio a sua festa annual, patrocinada pela *Sociedade Artistica de canto* e com o concurso de muitos dos elementos que costumam abrilhantar os concertos d'esta benemerita instituição.

O programma, semelhante ao do ultimo concerto da *Sociedade Artistica* é de molde a attrahir ao Salão do Conservatorio todos os admiradores dos esposos Sarti, o que significa que não ficará um lugar vago.

*

A segunda audição da casa Lambertini terá lugar depois de amanhã, 2 de abril, apresentando-se como solista o sr. Léon Jamet, distincto organista da igreja de S. Luiz, já muito vantajosamente conhecido no nosso meio musical como musico serio e correctissimo.

E para destruir desde já um possível mal-entendido, fique bem assente que para estas audições se não fazem convites individuais, devendo considerar-se convidados todos os que se interessam pela Musica, com o simples annuncio que publicaremos sempre na ultima pagina da nossa revista e em um dos jornaes diarios de maior leitura.

*

Apezar da consideravel augmentação de paginas a que a abundancia de original inadiavel nos obriga n'este numero, não resistimos ao prazer de annunciar os programmas definitivos dos 3 magnificos concertos que o nosso illustre amigo Rey Colaço projectou para o proximo mez de Abril e em que devem collaborar os celebres concertistas Arbós e Rubio coadjuvados pelos srs. Andrés Goñi e Antonio Lamas.

Um conjuncto tão notavel de artistas e uma selecção tão meticulosa de numeros, qual d'elles o mais interessante, são sobeja garantia do exito com que será coroada esta nova iniciativa do nosso grande pianista.

Eis os programmas:

14 de abril

- I — Trio em si bemol..... SCHUBERT
- II — a) Gigue... .. } J. S. BACH
 b) Presto..... }
 (piano)
- III — a) Air..... } violino } J. S. BACH
 b) Fugue em sol } solo }
 mineur..... }
 c) Berceuse... .. FAURÉ
 d) Danse hongroise.. BRAHMS-JOACHIM
 (violon)
- IV — a) Courante..... } de la } J. S. BACH
 b) Sarabande..... } 6.^{eme} }
 c) Gavote 1.^a e 2.^a. } sonate }
 (violoncello)
- V — Quintett em la..... DVORÁK

17 de Abril

- I — Trio em lá menor. TSCHAIKOWSKY
- II — Sonata em lá (violoncello). BOCCHERINI
- III — a) Fruhlingsrauschen. SINDING
 b) Toccata (piano).. SCHUMANN
- IV — a) Sérénade mélancolique..... TSCHAIKOWSKY
 b) Am Springbrunnen..... SCHUMANN
 c) Nocturne em ré maior..... CHOPIN
 d) Mazurka (violino). WIENIAWSKY
- V — Quatuor em sol men. BRAHMS

21 de Abril

- I — Trio em fá... .. ST. SAENS
- II — a) Nocturne. TSCHAIKOWSKY
 b) Humoresque (violoncello)..... DAVIDOFF
- III — Variations em dó menor. (piano). BEETHOVEN
- IV — a) Romance..... SVENDSEN
 b) Mazurka..... ZARZICKI
 c) Capricho español (violino).... . ARBÓS
- V — Quintetto em mi bemol..... SCHUMANN



A orchestra philharmonica de Berlim

E' difficil hoje *reclamar* efficazmente uma coisa séria, com o abuso e a crescente americanisação a que chegámos. *Ceci tuera cela*, dizia o grande poeta dos «Miseraveis». Ora o *reclame* falso matou o verdadeiro e não é facil tarefa hoje convencer o publico — o grande publico, está claro, não as *élites* — de que a Orchestra philharmonica de Berlim nada tem que ver, absolutamente nada... com as pilulas Pink. E chamo *pilulas Pink*, no caso presente, a todos os processos de mystificação artistica, de adulteração musical com que de ha tantos annos se vem intoxicando o espirito do pseudo-dilettantismo reinante, sob pretexto de o educar, com a mesma logica, e o mesmo exito dos fabricantes de paios anilados. Isto chegou ao ponto em que só póde esperar-se alguma coisa das medidas de força. *A dictadura* anda nos espiritos, não ha que vêr.

Emquanto lá não chegamos, venha ao menos a orchestra de Nikisch operar as conversões pacificas. E' uma forma d'apostolado que, em Portugal, só nos pode ser dada... por importação. Não ha entre nós nem sociedades orchestraes, nem sociedades de quartetto, nem choraes — pelo menos não as ha regularmente e permanentemente organisadas. D'este modo estamos completamente separados — como se vivessemos no planalto do Pamir — d'esse formidavel movimento, antigo e moderno, da musica pura, tendo de nos contentar com a *outra*, á falta de... peior.

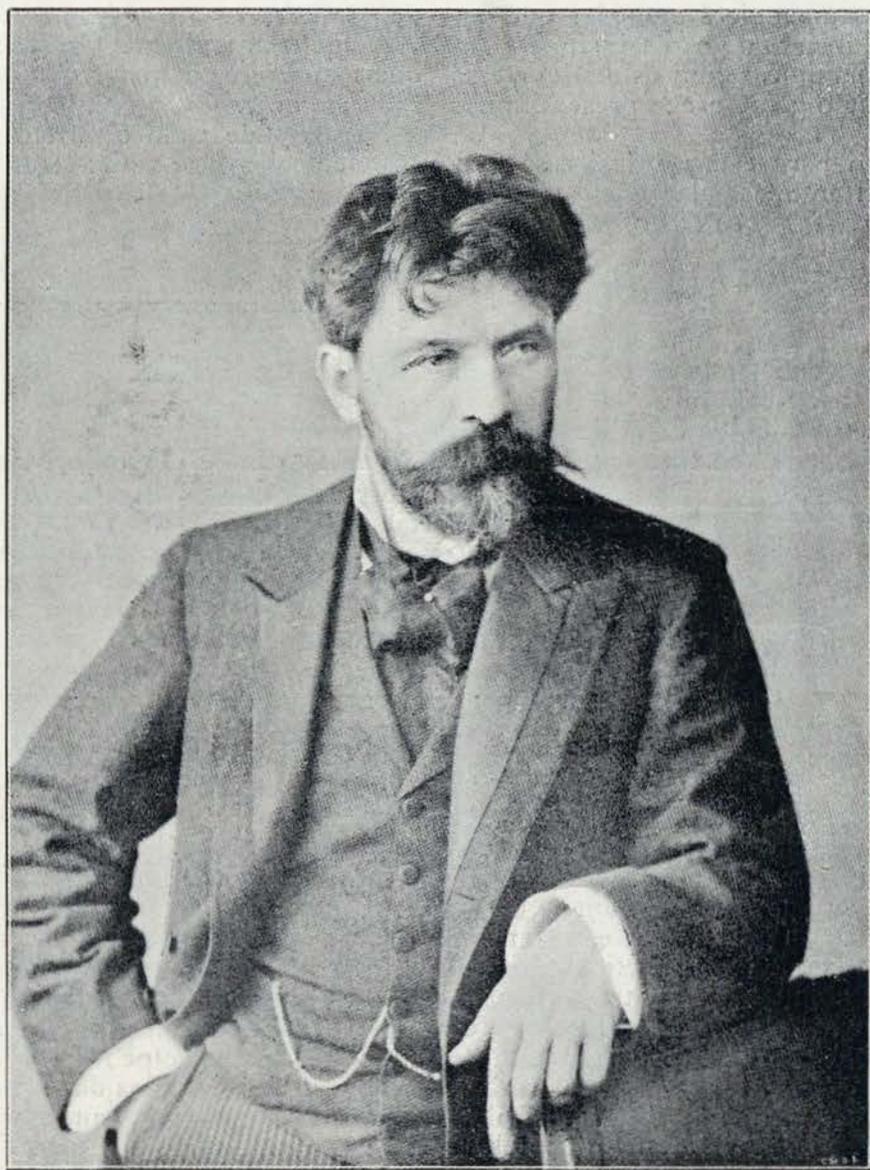
Ora para que a acção educativa dos poucos concertos Nikisch fosse completa, eu lembraria, sem *blague*, que uma vez por outra (uma vez só talvez bastasse) se tocasse, logo depois. ou logo antes (seria quasi indifferente) de uma symphonia de Beetho-

ven, ou Mozart, de uma *ouverture* de Weber, ou um trecho de Glück, uma d'essas coisas que para ahi se fazem hoje com grande reforço d'especiarias, e gaudio de paladares causados.

Não ha muito tempo fui ouvir uma opera das que mais barulho teem feito modernamente. Naturalmente, é obra de um musico

esperar. Não morrerá de velho quem tal não vir.

Com um assumpto tão hiper-tragico e tão anti-musical, a musica era a melhor que podia ser, visto como nunca poderia ser boa. Ideas musicas era preciso pescal-as com a lanterna de Diogenes. Por fim creio que appareceu uma, E' desnecessario accrescen-



ARTHUR NIKISCH

de talento (ahi é que está a gravidade do mal). O assumpto da peça era já de si a coisa mais inesthetica do mundo. Devo dizer que foi a primeira vez que vi, em opera, uma descarga de infantaria. Isto deu-me a fundada esperança de que outro virá que nos dê... uma salva d'artilheria. Lá iremos: ha ymptomas ameaçadores. O caso está em

tar que era roubada; talvez de Grieg, talvez d'outro, mas roubada. Sobre isto é que não me pareceu haver duvida. Ora com uma idéa roubada fazer-se uma opera, e uma opera que tem corrido mundo, eis o que me não posso furtar a admirar com toda a admiração de que sou capaz.

Este regimen cria indubitavelmente um

estado de espirito. Com annos e annos de arte falsa, feita algumas vezes com talento e sempre sem vislumbre de prohibidade, ou se fica incapaz de sentir a boa musica, ou corremos a sorvel-a como um prazer delicado, nobre e tranquillo, uma delicia consoladora e reparadora.

De modo que todos os *dilettanti* sinceros (e ainda os ha), receberam a noticia da vinda da orchestra allemã com alvoroço, antegostando as magnificas audições que vamos ter, prelibando o goso espirital e superior de communicar com os deuses n'essa linguagem que o genio grego presentira nas espheras.

Foi decerto para esta musica, e só para esta, que se fizeram as palavras evangelicas: *Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça...*

*

A orchestra allemã, cuja direcção artistica está hoje confiada ao illustre professor Arthur Nikisch desde a morte de Hans von Bülow, foi organizada, ha cerca de 40 annos, por Bilse, o grande apostolo dos concertos populares classicos.

Para muita gente, «popular» e «classico» são termos inconciliaveis. Ha o preconceito de que o «classico» é o «transcendente», o «impenetravel», o «isoterico», pouco menos do que uma cifra para iniciados. Ora «classico» apenas significa, em arte, o que o tempo consagrou como bello e perfeito; e consequentemente, como o mais intelligivel. E o tempo é um consagrador necessario, o natural eliminador de preconceitos d'escola, de proselytismo, de moda, o que rectifica, por equal, os desmandos de um facil enthusiasmo, e as resistencias dos immobilistas.

«Classico» e «popular» casam-se, pois, muito bem. Devia ser assim, e assim tem sido. A tentativa de Bilse fructificou prodigiosamente e hoje não ha centro culto onde não pullulem as sociedades orchestraes de concertos populares. E' superfluo estar a exemplificar.

A orchestra de Nikisch dá tambem os grandes concertos philharmonicos, parallelamente com os populares. Distincção mais apparente do que real, dada a facilidade com que se popularisam os grandes concertos.

Esta orchestra tem uma «biographia» das mais illustres. Dirigiram-n'a, em epochas mais ou menos distantes, homens como Liszt, Wagner, Rubinstein, von Bülow, Saint-Saëns, R. Strauss, Ed. Grieg, etc. Tem tido como primeiro violino artistas como Ysaye, Petri e Halir.

Mas não tem sido apenas ao repertorio symphonico que a orchestra se tem dedi-

cado. Por mais de uma vez tem tomado parte em concertos choraes, e nos concertos dados em Berlim pelos grandes «virtuosos.»

«Nenhum musico da orchestra Nikisch póde fazer parte de qualquer outra orchestra.» E' decerto a esta condição que em grande parte se deve a irreprehensivel e absoluta unidade e perfeição technica que ella conseguiu attingir, e teremos occasião de admirar.

A orchestra allemã faz, com esta, a sua quarta *tournee*, a maior das que tem realiado até hoje.

Na alma de todo o verdadeiro *dilettante* só pode caber este voto: Deus a traga!

MANOEL RAMOS.

THEATRO DE S. CARLOS

Para terminar a epoca lyrica tivémos a *Tosca*, em que o tenor Garbin foi delirantemente applaudido na *romanza* do 3.º acto, que na ultima noite cantou por tres vezes, e em que a sr. Bellincioni teve mais um enesejo de mostrar as suas qualidades superiores de comediante na violenta scena final do 2.º acto.

Em recita extraordinaria foi no dia 20 cantada a velha opera comica de Donizetti, *A filha do regimento*, e a *Cavalleria rusticana*. Em ambas as operas a sr.ª Bellincioni foi alvo de calorosos applausos. O tenor Garbin, na *Cavalleria*, deu ao brinde uma interpretação tão inesperada, que lhe proporcionou uma verdadeira ovação e o ter de repetir o brinde. Já na scena de despedida á mãe não foi tão feliz.

O Theatro lyrico fechou no dia 21 com o *Samsão e Dalila*, em recita de gala pelo anniversario do principe real.

Nos 76 espectaculos da passada epoca foram cantadas 21 operas, que passamos a apontar: *Tosca*, 8 vezes; *Carmen*, *Fedora* e *Giocconda*, 6 vezes cada uma; *Aida*, *Norma*, *Tannhauser* e *Trovador*, 5 vezes; *Africana*, *Iris* e *Samsão e Dalila*, 4 vezes; *Bohème*, *Huguenottes*, e *Roberto*, 3 vezes; *Palhaços* e *Othello*, duas vezes; *Baile de Mascaras*, *Cavalleria rusticana*, *Favorita*, *Filha do Regimento* e *Traviata*, uma vez.

Na recita de terça feira de carnaval foi cantado o *Duo da Africana*.

30 de março.

ESTEVES LISBOA.

GALERIA DOS NOSSOS

D. Guilhermina Suggia



Parece-me que a estou a ouvir — ha bons cinco annos — dedilhando, como quem brinca, nas cordas do seu pequenino violoncello, um instrumento em edição diamante que o pae lhe mandara fazer em Paris. Pois que queriam que ella então fizesse senão brincar? Mas pouco durou o brinque-do. Foi uma infancia que apenas lampejou.

A sua physionomia, ao mesmo tempo luminosa e profunda, era a de todas as creaturas predestinadas a não ter uma infancia. Esta apenas subnada nas imagens do cerebro, em plena phosphorescencia de contos de fadas, visões ingenuas, chimeras ineditas na sua pureza e simplicidade.

Porque é um espirito de creança o de Guilhermina, espirito que balbucia e mal soletra, quando a alma já juntou syllabas e formou palavras e foi subindo, subindo até ao canto, até aos cimos onde paira esse Ineffavel que nimba e obsidia o pensamento dos poetas! Verdadeira filha do milagre, admiro a com o enternecimento que inunda a alma do pastor ao contemplar um ceu povoado de estrellas, no seu mysterio indecomponivel e sagrado!

MANOEL RAMOS

NOTAS SOLTAS

Nunca estou alegre quando oiço musica.

SHAKESPEARE.

A musica pode exprimir todos os sentimentos, desde a mais profunda calma até á agitação mais extrema; falsea-se a sua natureza e restringem-se consideravelmente os seus meios de acção quando se lhe exige unicamente o calor e a paixão.

C. SAINT-SAENS.

*

A melodia é a essencia da musica.

WAGNER.

*

Hoje que Mozart e Beethoven se transformaram em Hervé e Offenbach, atravez de Verdi e Wagner, não hesito em accusar a musica de ser uma causa de dissolução.

V. DE LAPRADE.

*

A musica é a poesia dos sons e a poesia a musica das palavras.

FOLLER.

NOTICIARIO

Do paiz

A encantadora violoncellista portuense D. Guilhermina Suggia, que foi convidada por S. S. Magestades para uma apresentação no Paço, teve por parte do Monarcha e de sua augusta Esposa, uma recepção deveras lisongeira que a deve ter deixado satisfetissima.

A maneira captivante como a gentil concertista e sua irmã, que tambem tocou a solo, foram recebidas por S. S. M. M. e a profunda attenção com que as escutaram são na realidade provas bem frisantes de quanto valem as duas jovens artistas e de como sabem suggestionar o seu auditorio com o simples recurso de um talento incontestavel e já hoje incontestado.

D. Guilhermina e D. Virginia Suggia tiveram tambem occasião de se fazer ouvir em casa dos srs. Viscondes de Almeida Araujo e do sr. Julio Henrique de Mello e Alvim, ministro do Brazil n'esta côrte. bem como no Salão da Trindade, por occasião de um dos ensaios da Real Academia de Amadores, recebendo em toda a parte as provas de apreço e applauso que merecem.

Por uma gentilissima carta que recebemos do nosso illustre amigo Alfredo Keil, sabemos que as recitas da sua encantadora *Serrana* foram cinco e não tres como por insuficiencia de informação tinhamos dito no nosso numero de 28 de Fevereiro.

Ahi fica pois feita a rectificação, que por

absoluta carencia de espaço não poude ser publicada no numero anterior.

Passou no dia 21 d'este mez o 13.º anniversario do terrivel incendio que destruiu o Theatro Baquet, do Porto.

Nas egrejas d'esta cidade resaram-se misas e responços em suffragio das almas das victimas da terrivel catastrophe.

Parece que passaram palavra todos os bons elementos artisticos lá de fora, para que a primavera de 901 tivesse em Lisboa um esplendor até aqui desconhecido, sob o ponto de vista musical.

Uma das manifestações mais grandiosas e que tem causado mais expontaneo entusiasmo no nosso meio artistico é a vinda da *Orchestra Philharmonica* de Berlim, cujos concertos estão definitivamente fixados para 6 e 7 de Maio, no theatro de S. Carlos.

Nos admiraveis programmas d'estes dois concertos figurarão notaveis obras symphonicas de Beethoven, Liszt, Bach, Wagner, Tschaikowski e outros celebres auctores.

Publicaremos brevemente os programmas na integra.

E como já se está revelando entre o publico culto um desusado alvoroço para assistir a estes grandiosos concertos, bom é que avisemos os nossos leitores que o praso de preferencia para os assignantes da opera lyrica termina em 15 do proximo Abril, começando a partir d'essa data a inscripção de assignaturas para os 2 concertos.

Esta inscripção, assim como todos os assumptos referentes á *Orchestra Philharmonica*, na sua passagem por Lisboa tratam-se na nossa redacção.

Os preços da assignatura são os seguintes:

Frisas	30.000
Camarotes de 1. ^a Ordem.....	36.000
» de 2. ^a »	20.000
» de 3. ^a »	16.000
Torrinhas.....	10.000
Plateia.....	3.000
Galerias	2.000
Varandas	1.500

Do estrangeiro

Jacques Rubinstein, unico filho vivo do celebre pianista, enlouqueceu. Até aos meados do anno findo era incumbido da critica musical no periodico *Russia*, mas ultimamente foi atacado de paralyisia progressiva

do cerebro, e teve de ser encerrado n'uma casa de saude.

Segundo um relatório official publicado recentemente, no fim do anno de 1899 existiam em Londres 581 theatros, café concertos e outros divertimentos semelhantes, entre elles 45 *Music-Halls* de primeira ordem. Em todo o reino da Gran Bretanha e Irlanda havia 3:000 salas de espectáculo, que empregavam 850:000 pessoas e eram frequentadas por uma media diaria de 1:025.000 espectadores.

N'uma *soirée* musical que ultimamente deu em sua casa um opulento amator berlinense, Herr Partello, figuraram os mais preciosos instrumentos, um *Stradivarius* de 1723, feito para o Rei de Hespanha, um *Ruggeri* de 1667, um *Carlo Bergonzi* de 1733, um *Amati* de 1648, um *Santus Serafinus* de 1712, uma viola de *Amati* de 1680 e um violoncello de *Techler* de 1703.

Figurou tambem o famoso arco *Vuillaume* que pertenceu a Beriot e ao principe de Chimay e diversos arcos *Tourte* que tinham sido de Vieuxtemps, Leonard e Paganini.

O que desejaríamos saber é se a virtuosidade dos instrumentistas correspondeu dignamente á excellencia dos instrumentos.

Annuncia-se para os proximos mezes de junho a setembro, uma exposição internacional de instrumentos musicos, em Amsterdam.

Os fabricantes e especialistas na materia que quizerem concorrer, podem pedir programmas e esclarecimentos á *Direction des Pateis voor Volksvleijt*, AMSTERDAM.

Tinha-se levantando ha tempo, no Lyceu Musical de Pesaro, uma grave questão entre Mascagni e a Administração d'aquelle instituto; o commissario nomeado pelo governo para resolver-a affirmou, n'um extenso relatório publicado ultimamente, que se Mascagni fosse obrigado a retirar-se, seria extremamente difficil, nas actuaes circumstancias, encontrar um successor, e impossivel que este o equalasse. Conclue com varias propostas para melhorar aquelle estabelecimento e evitar novas questões, que a direcção technica e artistica seja completamente independente da administração.

Na «Casa de repouso para os musicos»,

fundada por Verdi, será organizado um museu composto das mais preciosas recordações do grande compositor. Para servir de núcleo a esse museu, já a sobrinha e herdeira do fallecido, Maria Carrara Verdi, cedeu e enviou varias peças de mobilia, quadros, o piano, e muitos outros objectos, alguns dos quaes o proprio mestre tinha indicado a sua sobrinha para fazer cendencia d'elles.

Teve um grande exito em S. Sebastião, uma nova opera nacional intitulada *Marcel Durand*, episodio da revolução franceza.

O libretto é de Manuel Mugica, e a musica de Alfredo Larocha, director da Escola de Musica de S. Sebastião.

Projecta-se em Leipzig um asylo para musicos, fundado por iniciativa de uma commissão, da qual é presidente o compositor Henrique Zoelner. A subscrição tem crescido muito e a casa editora Breitkopf e Hartel offereceu um vasto terreno onde se poderá construir o mais amplo edificio.

Um bemfeitor anonymo fez um donativo de 15:000 marcos.

Um terrivel incendio destruiu a bibliotheca municipal de Caltagirone, uma das mais importantes da Sicilia. Perderam-se cerca de trinta mil volumes, entre elles um precioso antiphonario em pergaminho, ornado de bellissimas miniaturas.

Mais um systema de flautas para competir com o de Boehm conservando a dedilhação da flauta antiga, foi apresentado pelos fabricantes Barlassina e Casoli, estabelecidos em Milão.

Os amigos e admiradores do pianista allemão Julio Schulhoff, fallecido em Berlim ha tres annos, constituiram-se em commissão para se crear um premio consagrado á sua memoria, o qual annualmente será conferido ao melhor alumno de piano do Conservatorio Sterne, de Berlim.

Merece menção especial a seguinte apreciação feita sobre Verdi por Alfred Bruneau, um dos mais avançados compositores da actualidade :

«Com effeito, desde o principio que se manifestaram n'elle, com surprehendente ni-

tidez, esse ardor irresistivel, esse prodigioso impulso do movimento, esse dom de vida, essa audacia em captivar o publico, que aterrando e derrubando os tranquillos compositores do seu tempo, abriram a Verdi as portas do theatro onde elle penetrou á força, como em cidadella conquistada, e onde reinou victorioso durante mais de meio seculo.

«Estas qualidades, diga-se a verdade, são a tal ponto excessivas em Verdi que nas suas primeiras operas substituem quasi completamente a musica. Nas quatorze ou quinze partituras que precedem o *Rigoletto*, a trivialidade de rythmos, o character popular das melodias, o tumulto ôco da orchestra, dão indiscutivel testemunho de total despreocupação da arte. Quem quizer certificar-se d'isso, leia *Oberto*, *Nabucodonosor*, *I Lombardi* ou *Jerusalem*, *Ernani*, *I Due Foscari*, *Giovanna d'Arco*, *Alzira*, *Attila*, *Machbeth*, *I Masnadieri*, *Il Corsaro*, *La Bataglia di Legnano*, *Luisa Miller*, *Stiffelio*, etc., e reconhecerá facilmente que a devoradora febre da producção, fazendo escrever em menos de doze annos estas obras tão grosseiramente architectadas, celebres n'outro tempo, esquecidas hoje, não revelava mais do que um dramaturgo dotado de extraordinaria força.

«Mas as mesmas qualidades, qualidades supremas de raça, não ficaram annulladas quando o dramaturgo procurou tornar-se um musico. A transformação de estylo aponhada no *Rigoletto*, *Trovador*, *Traviata*, *Ballo in Maschera*, *Simon Boccanegra*, *Forza del Destino* e que, n'uma especie de deslumbramento instrumental e vocal, se affirma no *Falstaff*, não desnacionalisou nem desarmou o auctor do *Ernani* e do *Machbeth*. Tanto nas obras do ultimo periodo, *Aida*, *Otello* e o theatral *Requiem*, como na ultima de todas, verdadeiramente estupenda pela delicadeza de inspiração, pela liberdade de forma e pela subtiliza da polyphonia, Verdi conservou-se italiano de alma e coração, não perdendo, á maneira de velho soldado heroico, a indomita valentia dos verdes annos.»

O principe imperial da Allemanha, cujos estudos na Universidade de Bonn vão terminar proxicamente vae dedicar-se ao violino, sob a direcção de Willy Seibert, distincto professor do Conservatorio de Colonia.

Manterá assim as tradições musicas de seu avô, Frederico da Prussia, que, como se sabe, era um flautista *enragé* e mesmo compositor nas horas que a responsabilidade do seu alto mister lhe deixava vagas.

Descobriu-se em Napoles um desconhecido herdeiro d'um grande nome musical, sobrinho do famoso compositor Cimarosa. E' um velho septuagenario, que vive na maior miseria e que algumas pessoas bem intencionadas vão soccorrer por meio de uma subscrição.

Estreiou-se recentemente em uma igreja de Lonato (Italia) um novo tenor, de voz phenomenal, ao que parece.

Sobe sem difficuldade, mantendo toda a pureza da voz até ao *dó sustenido* e rivalisa, na qualidade do timbre e na potencia do som com as primeiras notabilidades que tem brilhado no theatro lyrico.

Chama-se Isaia Verdina e consta que já está escripturado para uma das principaes scenas italianas.

Funda-se em Budapest um novo quartetto de senhoras, recentemente laureadas no Conservatorio d'aquella cidade.

Decididamente o feminismo invadiu tambem a nossa Arte.

tambem quasi todos tirados da historia de Flandres e tratados em lingua flamenga.

Escreveu grandes obras symphonicas, especie de oratorias, como «O Escalda», «O Rheno», «Lucifer», «Rubens», «A Guerra», etc.

Peter Benoit era para a Belgica o mesmo que Verdi para Italia.

A sua perda é considerada nacional, pon-do em luto toda a nação.

EXPEDIENTE

O excepcional augmento de paginas d'este numero impede-nos de o fazer acompanhar pelo fasciculo do Dictionario, que até hoje tem sido tão punctualmente distribuido.

Esperamos que os nossos amaveis assignantes nos relevem esta falta, assim como o retardo na distribuição d'este numero.

BIBLIOGRAPHIA

Publicações recebidas e cujo offerecimento muito agradecemos:

J. Sediwy — Gavotte des Petites marquises, para piano.

L'Art du Theatre, revista mensal, 1.º numero contendo 24 paginas e numerosas e esplendidas illustrações entre as quaes cinco *planches hors texte*, representando scenarios de theatro.

NECROLOGIA

Morreu Peter Benoit, o musico mais venerado na Belgica pelo seu nacionalismo.

Nascera na cidade de Harlebeke, provincia de Flandres, a 17 de agosto de 1834, e obteve em 1857 o primeiro premio de composição, no Conservatorio de Bruxellas, pela sua cantata «Morte de Abel». Depois de alguns annos de viagens, voltou a Bruxellas onde fez executar as suas composições, que o puzeram em evidencia. Em 1867 estabeleceu-se em Antuerpia, fundando uma escola de musica flamenga.

A sua grande preocupação foi nacionalisar a arte, creando formas especiaes que caracterissem a musica do seu paiz.

Os assumptos das suas composições são

AUDIÇÕES MUSICAES

Terça feira, 2 de Abril de 1901

(ÁS 4 HORAS)

Recital de Harmonium pelo Ex.^{mo} Sr.

LÉON JAMET

Ave Verum Mozart

Deux prières Lemmens

Prelude, fugue et variation (com piano) C. Franck

Prelude et fugue en ré mineur Bach

Communion Lefebure-Wely

Air varié V. Paul

Fugue sur Lauda Sion Lemmens

Harmonium de

CHRISTOPHE & ETIENNE

Com 2 teclados manuaes e 1 de pedaes

DA CASA LAMBERTINI